

30 NOV 1986

CORREIO BRAZILIENSE

ECONOMIA - BRASIL ECONOMIA

Armadilhas do dirigismo

Senador ROBERTO CAMPOS

"Chega de planos impacto que a cada quatro meses mudavam a tendência da economia brasileira"
(Dilson Funaro, ministro da Fazenda, em 27.06.86)

Parece que os engenheiros sociais — também chamados economistas heterodoxos — transformaram a ciência econômica em artes de pajelança. Visto em retrospecto, o Plano Cruzado foi um soberbo exercício de marketing político e uma competente demonstração de incompetência dirigista.

Houve erros de diagnóstico e de terapêutica. Os jovens economistas do PMDB cometeram dois erros de diagnóstico, antes mesmo do Plano Cruzado. O primeiro foi não perceberem que a recessão terminara em 1984 e a Nova República se iniciava em plena recuperação cíclica, através de um saudável surto exportador. Obcecados com a retórica anti-recessiva, os "funaro boys" pisaram no pedal, prometendo-nos acelerar o crescimento sem aceleração inflacionária. Esgotados os limites de capacidade ociosa, caímos rapidamente na hiperinflação de jan/fev. 1986. O segundo erro de diagnóstico foi imaginar que o pacote fiscal de dezembro de 1985 eliminaria a causa principal da expansão monetária — o déficit público, só restando uma "inflação inercial".

De diagnósticos errados surgiram terapêuticas equivocadas. Os teóricos da "inflação inercial" trataram como doença psicossomática o que era uma moléstia cancerosa. Recorreram à desindexação para corrigir as expectativas inflacionárias, e ao congelamento para apagar a memória da inflação. Nada se fez em relação ao déficit público, que inicialmente se declarava inexistente, depois diminuto, depois irrelevante, porém sempre intocável, pelo receio de efeitos recessivos.

Uma secular experiência revela que o congelamento é mezinha de curta duração. Com efeitos colaterais desastrosos. Só faz, sentido como breve anestésico, seguido de cirurgia ortodoxa de contenção do excesso de pro-

cura, já que infelizmente a procura não cria sua própria oferta. Os "funaros boys" ficaram na anestesia. Somente agora, quando o cancro inflacionário se evidenciou em ágios e prateleiras vazias, iniciaram a cirurgia, precisamente quando, com o término das eleições, se dissipava o efeito da anestesia. Foi um rude acordar...

Nada mais difícil para o administrador de um país subdesenvolvido do que resistir à tentação de "saltos". O "grande salto avançado" de Mao-Tsetung atrasou a China em mais de dez anos. No Brasil, também já fizemos várias tentativas, com crescimento eufórico do emprego e renda no curto prazo e enorme custo social no longo prazo. O período Kubitschek, a explosão do crescimento em 1973, a fase do "Brasil não pode parar" — todos representaram "saltos", seguidos anos penosos de ajuste recessivo, com crise cambial e aceleração inflacionária.

O Plano Cruzado não será exceção. Já são visíveis seus danosos efeitos colaterais, dos quais vale mencionar os seguintes:

— Desorganização da economia de mercado, tendo como, consequências o desabastecimento e a emigração para a economia subterrânea;

— Nascimento de uma cultura antiempresarial. Mediante didática perversa o povo foi levado a confundir o efeito da inflação — preços em alta — com sua causa, a expansão monetária. Assim o governo foi inocentado, e os vilões da peça passaram a ser o dono do supermercado e o pecuarista.

— Fabricação de uma crise cambial, a qual, ao contrário das outras, foi inteiramente "made in Brazil", pois a conjuntura internacional não podia ser mais favorável;

— Desincentivo à poupança, pelo ceticismo quanto à inflação-zero, pela manipulação de indi-

ces e inconstância das regras do jogo financeiro;

— Conversão de uma inflação aberta numa coisa ainda pior — a inflação reprimida.

Se a história é boa mestra, teremos pela frente a ressurreição de velhos temas, como a "moratória da dívida externa". Quando há frustrações internas, nada melhor do que acumular antagonismos externos. E melancólico lembrarmos-nos, de que o primeiro debate sobre a moratória ocorreu em 7 de junho de 1831, na Câmara dos Deputados, durante a Regência Trina Provisória, 155 anos atrás.

Para um governo que recebeu reservas cambiais de 11 bilhões de dólares e um saldo exportador de 13 bilhões, e que teve o benefício da queda da taxa de juros e dos preços do petróleo, conve-nhamos que a fabricação de uma crise cambial exigiu empenho e arte...

E evidente que o atual governo se deixou seduzir pelo modelo expansionista de Kubitschek (até mesmo na birra com o FMI), adicionando-lhe doses de intervencionismo Keynesiano. Mas convém recordar algumas diferenças. O "programa de metas" de Kubitschek, que Lucas Lopes e eu fabricamos em nossa fase de planejadores ingênuos, visava ao desenvolvimento industrial do setor privado. O atual "plano de metas" se refere a investimentos do setor público. Kubitschek viajou para a Europa a fim de seduzir investidores estrangeiros para se instalarem no Brasil, criando a indústria automobilística e a mecânica pesada. Agora fazemos o contrário. Repelimos os investidores estrangeiros, criando "reservas de mercado" para investidores que não têm poupança e que se dedicam ao esporte de redescobrir a roda.

A história é cruel. Há estadistas que presidem a "saltos econômicos", mas não são responsabilizados pela fatura. No caso do Plano Cruzado, a fatura já chegou...